

Rosa
Duzanjo

Copyright © 2009, Alvanir B. de Carvalho

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sem a expressa autorização do autor, por quaisquer meios empregados - eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou outros.

Todos os direitos da obra, reservados e protegidos pela Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98

Conteúdo original da obra sob total e exclusiva responsabilidade do autor, dentro do que rege a Lei de D.A. 9.610/98

Primeira Edição em 1999

Alvanir B. de Carvalho

Rua Prudente de Moraes, 790

Ap. 302 - Ipanema

22420-040 - Rio de Janeiro - RJ

Telefone (0 xx 21) 2522-3569

e-mail: alvanirbezerra@oi.com.br



PoD Editora

Rua Barata Ribeiro, 322

Copacabana – Rio de Janeiro

Tel. 2236-0844

atendimento@podeditora.com.br

www.podeditora.com.br

Impressão e Acabamento: PoD Editora

Alvanir B. de Carvalho

Rosa Duzanjo

um romance nordestino

Rio de Janeiro
Abril de 2008

Capa
Martha Schneidermann de Carvalho

Revisão do Texto/Comentarista
Geraldo Lobato Franco

Ficha Catalográfica

C254n Carvalho, Alvanir B. de
Nautimodelismo: informações tecno-práticas / Alvanir B. de Carvalho.
Rio de Janeiro: A. B. de Carvalho, 2009
350 p.; 21 cm

ISBN: 85-901474-1-X

1. Literatura brasileira - Romance. I. título.

CDD:869.308 5
CDU:82.31 690(81)

Catálogo na fonte – SITTAG
Setor de Informação Técnica e Tecnológica
sittag@openlink.com.br
Tel: (21) 587-1188
SENAI-RJ. CFP de Artes Gráficas

Sumário

Prefácio	7
O apartamento da zona sul	9
Papo no varandão	15
A administradora	38
Mascates portugueses	47
Acampamento militar	54
A festa dos voluntários	64
A casa da cidade	73
Festa da padroeira.....	86
Os planos secretos	100
Tendas de mascates	105
De volta ao acampamento	113
A barraca azul	117
Movimentação na	129
Casa grande.....	129
Espionando as adversárias	143
A rua em festa	159
Leilões da azul	176
Fazendo fuxico	182
O portuguesinho louro	193
Manhã de domingo	206
A tropa formada	209
Missa na catedral	226
Novo encontro com messias	231
Quer casar comigo?	246
Fuga na madrugada.....	267
Smanhecer na pensão	274
Visitante inesperado	284
Na boca do povo	295
Quem avisa amigo é.....	313
De véu e grinalda	321
Encurtando a história	330
Palavras do autor	333



ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS
UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES



CONCURSO BRASIL 500 ANOS

Diploma

De Premio Lima Barreto Especial de Jure conferido a
Alvanir B. de Carvalho
Obras: "Rosa Duranjo"

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2000.

Jorge Picampo Siqueira *Janeiro ome ne 20*

Presidente da ACL

Presidente da UBE

PREFÁCIO

COM LICENÇA POÉTICA

*Quando nasci um anjo esbelto,
Desses que tocam trombetas anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado para mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
Acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim ora não, creio em parto sem dor.
Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linbagens, fundo reinos
(dor não é amargura).
Minha tristeza não tem pedigree,
Já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem
Mulher é desdobrável. Eu sou.*

Adélia Prado

ROSA DUSANJO, romance de autoria de Alvanir Carvalho, é uma história transmutada da vida de sua bisavó Rosa – uma mulher de temperamento forte e firme em suas convicções. É uma história verdadeira, metamorfoseada pelo autor, para chegar à plenitude de uma obra de arte que convida ao sonho e à reflexão.

Rosa, mulher nordestina do século passado, já contando 27 anos vividos, então considerada uma solteirona para os padrões da época e local – sertões nordestinos no interior do Ceará – ao se apaixonar por um jovem mascate, menor de idade, de apenas 17 anos, quebra todos os preconceitos da condição de inferioridade feminina. Ela o induz a

raptá-la, enfrentando a ira do pai do rapaz, que se recusou a emancipá-lo para que com ela se casasse. Ao fugir com o seu amado, Rosa também se dispõe a sofrer a reação da sua própria família, assim como da sociedade local, extremamente conservadora.

A narração é empolgante e minuciosa em seus detalhes. Faz ainda alusão a acontecimentos importantes da época, como a guerra do Paraguai. É o episódio em que um dos personagens – Faustino, irmão de Rosa e integrante da tropa dos Voluntários da Pátria – teve que interferir com seus colegas de farda, ajudando aos colonos do seu pai a pressionar para que o casamento fosse consentido e realizado.

Os preconceitos sociais locais em relação às mulheres, mormente em se tratando de mulher já não tão jovem para o casamento e, ainda mestiça, são enfatizados.

A coragem, a força e o destemor de uma mulher que foi motivo de vergonha para os seus familiares durante três gerações são aqui enaltecidos por seu bisneto-autor que se declara apaixonado pela ação decidida da nossa bisavó Rosa.

Esta história evidencia, por outro lado, a luta das mulheres de todas as gerações por igualdade de condições e de direitos, desde os mais elementares, a exemplo da livre escolha do parceiro.

Rosa “carregou bandeira, inaugurou linhagens, fundou seu reino familiar, cumpriu sua sina”.

Nauri de Carvalho Costa
Bisneta de Rosa



Nauri Carvalho - 1952

O APARTAMENTO DA ZONA SUL

Cai a noite. As luzes da cidade vão se acendendo nos postes de iluminação da via pública, assim como nas fachadas dos edifícios, numa tentativa de impedir a completa escuridão. Tal qual vaga-lumes de grande tamanho, observa-se um pisca-pisca cada vez mais intenso na parte externa deste ou daquele edifício, à medida em que seus moradores vão chegando, de retorno do trabalho. Aos poucos a cidade adota como que um ar festivo, brilhante, muito diferente daquilo que as pessoas da roça estão acostumadas, e em que a chegada da noite significa não mais do que o sumiço das cores, deixando tudo esmaecido, sem graça.

Num apartamento localizado num edifício residencial de classe média, situado na Marquês de Abrantes, uma das ruas tradicionais da Zona Sul, da cidade do Rio de Janeiro, confortavelmente sentado numa poltrona, tipo “cadeira do papai”, em silêncio, um homem lê o jornal. Pele morena-clara, cabelos pretos, lisos e finos, olhos castanhos-escuros, a boca estreita, quase sem lábios, cerca de quarenta anos de idade, vestindo bermudas, sandálias de couro, tipo “pau de arara” nos pés e camisa de mangas curtas, com aproximadamente 1,80 m de altura, ele é um tipo ligeiramente mais alto que a média dos brasileiros, e certamente que mais alto do que a maioria dos nordestinos, de cuja região se origina.

O apartamento é dotado de sala de estar, mobiliada nos padrões convencionais: um sofá grande, dois sofás pequenos, instalados em frente ao sofá maior, mesinha de centro, de pés bem curtos, com tampo de mármore, sobre o qual encontra-se uma floreira de cristal, um cinzeiro e outros enfeites menores, assim como duas mesinhas com abajures, de cada lado do sofá maior, etc. Nas paredes da sala, alguns quadros à óleo, exibindo pinturas cubistas e alguns florais. O tampo de mármore da mesa veio de Carrara, na Itália. É um mármore bonito, de cor esbranquiçada, quase creme, com algumas manchas ligeiramente avermelhadas, mais parecendo ferrugem, espalhadas aqui e ali, pela superfície. O mármore fora importado, há mais de cinquenta anos, por algum rico exibicionista e acabou fazendo parte da tumba de alguém importante, no Cemitério São João Batista, de onde posteriormente foi removido possivelmente para dar lugar a alguma reforma “modernizante”, daí seu

aproveitamento como tampo de mesa. Há quem suspeite de que fantasmas bailam sobre o mesmo, depois da meia-noite. Todavia, devem ser fantasmas educados, de fino trato, pois que não fazem barulho, e não dão aqueles gemidos de fantasmas de gente pobre, tal qual é costumeiro ver-se nos filmes de terror.

Na sala contígua, uma mesa com tampo de vidro blindex e seis cadeiras, de espaldar alto, mais uma cômoda comprida, encostada no fundo da parede. Sobre a cômoda, completando o visual, encontram-se alguns porta-retratos contendo fotos de crianças, assim como fotos de casamentos de pessoas da família, tanto dele quanto dela, quero dizer, da família de sua esposa, que inclusive eram maioria.

De repente, o silêncio da sala foi quebrado pelo barulho de passos rápidos, que se aproximavam e também pela risada alegre de duas meninas-moças, de aproximadamente 9 (nove) anos de idade. Uma delas chama-se Christianne, a outra, Maritza.

Chris – o apelido de Christianne – é filha da casa e Maritza sua colega de escola e a melhor amiga, daquela época. As duas viviam muito ligadas, até mesmo quando iam arrumar as prateleiras do mercadinho Pão de Açúcar, dois blocos mais acima, do mesmo lado da rua, atividade essa que executavam, de vez em quando, por iniciativa própria, pelo que eram recompensadas pelo Gerente que, por gostar de crianças, e percebendo as vantagens advindas daquela colaboração, lhes dava uma barrinha de chocolate, cada vez que por lá apareciam para o exercício daquela tarefa original visto que, no seu entender, segundo ele explicou para a mãe de uma das meninas, deslocar um empregado dos afazeres normais para rearrumar as prateleiras que os clientes insistiam em desarrumar a todo instante, custar-lhe-ia muito mais caro. A idéia de arrumação das prateleiras partiu de Christianne, que se sentia incomodada em ver “como as freguesas mais velhas” revolviam as gôndolas, para retirar, lá do fundo, um pacote disso ou daquilo, do mesmo produto também exposto na parte frontal, evidentemente que um esforço inútil e desnecessário, mas que somente um psicólogo poderia explicar seus motivos, visto que a data de validade dos produtos era a mesma, assim como também os preços.

Ainda que concordando com aquela iniciativa, a mãe de Christianne fora taxativa – Nada de entrar no depósito! Mesmo que algum dos

empregados chame por vocês, não é para entrar lá. Ouviram? Tem muito tarado solto, por aí, e eu não quero vocês expostas ao perigo.

As meninas não sabiam o que poderia vir a ser um tarado. Todavia, diante da ênfase dada àquelas palavras, imaginaram que deveria ser alguma coisa muito ruim e perigosa, pelo que o melhor seria evitá-lo.

Christianne era muito ativa e boa observadora, prestando muita atenção às palavras e explicações do seu pai, então Professor de Economia, na Universidade Gama Filho, razão pela qual, ao redigir um trabalho escolar sobre a visita que a sua turma de escola havia feito à fábrica Colombo, teve seu trabalho selecionado para envio à apreciação dos dirigentes daquela fábrica os quais, de tão entusiasmados que ficaram, resolveram premiar a guria enviando, para sua residência, uma grande caixa de produtos Colombo. E assim foi que, durante mais de um mês, naquela casa, consumiu-se doces, geléias e outros produtos da marca Colombo, tal fato servindo de motivo para que a menina-moça comentasse, muito vaidosa, de que também ela estava contribuindo para alimentar a família, o que de certo modo era uma afirmação cem por cento verdadeira.

– Ri, ri, ri, riiii ... Fazem as meninas, adentrando ruidosamente sala à dentro.

A menina da frente – uma garota alegre, buliçosa, brincalhona, pele muito clara, olhos azuis, porém com cabelos pretos e finos – trocando olhares furtivos, de cumplicidade, com a amiga Maritza – uma menina-moça, de tez morena, da mesma idade da Chris, porém um pouco mais magra que esta – diz para o homem da sala, interrompendo sua leitura – Papai?



Christianne e João Candido, filhos do autor
(Trinetos de Rosa)

Tirando os olhos do jornal, o cidadão olhou para a filha e, percebendo que havia algum mistério, por trás do jeito especial da postura e entonação da voz da filha, respondeu, com ar de galhofa – O que é que há? O que vocês andam tramando? ... Suas sirigaitas?

Filha de pais bolivianos, menina criada no Rio, praticamente sem nenhum contato com pessoas originárias do Nordeste Brasileiro, Maritza desconhecia o significado daquela palavra. Por isso, olhando para a amiga Chris, indagou, curiosa

– S-i-i-i-r-i-g-a-a-a-i-t-a-s? Do que foi que ele nos chamou?

Muito embora também nascida no Rio de Janeiro, dada a convivência com o pai e com alguns dos seus familiares e amigos nordestinos, que lhes visitavam com relativa frequência, Christianne estava melhor familiarizada com o linguajar daquela região, pelo que respondeu, explicando-lhe – Sirigaita é uma palavra lá da terra do papai. De vez em quando ele vem com essas palavras esquisitas ... Lá da P-a-r-a-í-b-a. Comentou ela, com voz arrastada, tentando imitar o sotaque nordestino do pai.

Não demonstrando qualquer ressentimento pelo comentário da filha, que ele adorava, o pai explicou o significado daquela palavra – Sirigaitas quer dizer jovens senhoritas, assim como vocês duas. Entenderam?

É claro que o significado da palavra “sirigaita” também tinha um sentido algo pejorativo, visto que classificava pessoas do sexo feminino muito jovens e, de certo modo irresponsáveis, levianas, exibidas e assanhadas ou que não deveriam ser levadas à sério. Foi aquela a intenção que o cidadão, “por pura gozação”, como se dizia, havia classificado as duas gurias, denotando assim não levar muito à sério as ações e/ou intenções daquelas fedelhas.

Sem mais delongas, com seu jeitinho manhoso, Christianne sentou no colo do pai, envolvendo-o com seus braços, enroscando-se no seu pescoço. Aquele movimento foi tão rápido que mal deu tempo ao pai por de lado o jornal, antes que o mesmo resultasse totalmente amarfalhado. O pai abraçou a filha, carinhosamente.

Aproveitando-se da grande afinidade que tinha com ele, Christianne pediu-lhe – Papai! Conta pra nós uma história lá da sua terra.

Surpreendido por aquele pedido inusitado, o pai olhou, inquiridoramente, para a filha que, sem lhe dar tempo para raciocinar, acres-

centou – Só que nós queremos ouvir uma história bacana ... Dessas que falam de amor.

Voltando a trocar olhares de cumplicidade com a amiga Maritza, as duas meninas deram nova risadinha nervosa

– Ri, ri, ri, riiiiii ...

Durante alguns breves segundos, pensativo, procurando em sua memória uma história que se adequasse à idade e à exigência da filha, o pai indagou, solícito – Que tal a história de Dona Sinhá?

– Nãããã, pai. Essa nãããã! ... É muito compriiiida.

Revelando o real motivo de tudo aquilo, Maritza, que também se sentia muito à vontade naquela casa, acrescentou uma dica – Conta pra nós a história da avó da Chris. A que roubou um noivo pra casar.

– Ri, ri, ri, riiiiii ... Fizeram, em coro, as duas meninas.

Genealogista amador, um passatempo que levava relativamente à sério, o pai corrigiu o grau de parentesco do personagem apontado, dizendo-lhes – Não foi aaaavóóóó. Foi t-r-i-i-i-i-s-a-a-a-v-ó-ó-ó! Corrigiu ele. – Trisavó é a mãe da bisavó e bisavó é a mãe da avó. São três gerações distintas. Dá para perceber a diferença?

Com seu jeitinho de menina sapeca, Christianne contestou o pai – Avó ou bisavó, pra nós dá tudo no mesmo. Conta a história, ... vai!

Nesse ínterim, uma mulher loura, bem mais jovem do que o cidadão do jornal, entrou na sala, intrometendo-se na conversa

– Pelo visto essas fedelhas assanhadas estão querendo confirmação daquela história envolvendo sua família, lá se vão para mais de cem anos.

– Você quer dizer o rapto de um noivo, pela minha bisavó paterna? Indagou o pai, agora encarando a mulher loura, sua esposa, que se postou ao seu lado, pelo que o cidadão aproveitou o ensejo para também enlaçá-la pela cintura, num gesto carinhoso.

– Sim! Pai! ... Essa mesma. Confirmou Christianne, segurando o rosto do pai com as duas mãos, forçando-o a girar a face, de modo a olhar para ela, com seu jeitinho carinhoso, porém egoísta, de fazer com que as pessoas lhes prestassem maior atenção.

– Está bem! Respondeu o pai, resignadamente.

Porém, tendo em vista que aquela era uma história relativamente comprida, empurrando a filha delicadamente para o sofá, onde tam-

bém sentou Maritza, o cidadão fez uma breve pausa, procurando recordar-se dos detalhes, após o que começou a contar a história solicitada. As duas meninas, o rosto aceso, de tanta expectativa, mal batiam as pestanas.

– Foi no ano de 1866 que tudo aconteceu, lá em Milagres, uma cidadezinha do sul do Estado do Ceará. ... Não faço idéia exata do mês ... Se foi no começo, no meio ou no final do ano. Tudo o que sei é que Milagres estava em festa ... Era a festa de Nossa Senhora dos Milagres, a Padroeira da Cidade. Uma festa que, de tão importante, durava toda uma semana e que, de tão bonita e movimentada, atraía pessoas dos sítios e fazendas da região, e até mesmo de outros municípios.

Dando uma pausa, de modo a novamente fazer consultas aos arquivos da memória, o pai continuou – A trisavó de Chris, e minha bisavó, ... que se chamava Rosa, morava numa fazenda, de propriedade do seu pai, o Coronel Francisco Almeida dos Anjos, um fazendeiro rico, muito influente na região de Milagres. Por oportuno, é bom que vocês saibam que o título de “coronel”, da nossa história, não significava ser integrante das forças armadas. Era apenas uma das maneiras dos Nordestinos de então classificar a importância social, política, econômica e financeira da pessoa que recebia uma tal designação.

PAPO NO VARANDÃO

O cidadão tentou descrever, para suas curiosas ouvintes, como provavelmente deveriam ter sido as terras de uma grande fazenda de gado, da região sul do Estado do Ceará, que ele porém jamais vira, a verdade seja dita. Por isso que, em sua descrição, baseou-se naquilo que lhe contara seu pai, sobre a fazenda do pai dele, e também no que ele próprio havia visto, quando garoto, visitando fazendas de mesmo padrão, nas regiões próximas, muitos e muitos anos depois.

Era uma fazenda típica, de criatório de gado bovino, no estilo de criação extensiva, o gado ficando solto no pasto a maior parte do tempo – pois que o Coronel Dos Anjos (ou Duzanjo, conforme era mais conhecido) era um importante fazendeiro do Município. A fazenda situava-se no Distrito de Santa Cruz, pertencente, naquela época, ao Município de Milagres, na Província do Ceará, tal qual eram assim denominados, na época do Império, os atuais Estados Brasileiros.

Dado o seu isolamento em relação às demais fazendas da área – um importante fator a ser levado em conta – e também devido às longas distâncias que a separava da sede do Município, dificuldades de abastecimento, etc., o fato é que em todas as grandes fazendas daquela região era costumeiro plantar-se de tudo, à exemplo de arroz, milho, mandioca, macaxeira, feijão mulatinho, feijão de corda, melancia, coco, banana, algodão, café, cana-de-açúcar e tabaco, o que implicava em também manter uma engenhoca para a produção de farinha, um engenho para a produção de rapadura e um alambique para a produção de cachaça, afora inúmeros depósitos de gêneros alimentícios, nem sempre bem planejados ou bem cuidados, pelo que uma parte substancial daqueles alimentos era destruída pelos ratos e também por insetos dos mais variados tipos.

A quantidade de ratos, em particular, era tão intensa nos sítios e fazendas do interior que os fazendeiros adotavam o costume de criar grandes cobras pretas, do tipo não venenoso, para que elas dessem cabo dos ratos e, também, para que elas – que eram afensas ao veneno das cascavéis e jararacas que infestavam a região – dessem combate às suas primas venenosas, que elas engoliam sem qualquer cerimônia.

Bem nutridas, dada a farta disponibilidade de alimentos naturais, representados pelos ratos e cobras venenosas, algumas cobras pretas chegavam a medir cerca de quatro metros de comprimento, pesando trinta quilos ou mais.

Malgrado a presença das cobras pretas, o fato é que os ratos sempre levavam a melhor na disputa por alimentos, os fazendeiros não tendo outra alternativa senão aquela de consumir arroz, milho e até mesmo farinha de mandioca estragados por eles - quero dizer, roídos, urinados, cheios de excrementos - com riscos de contraírem doenças perigosas, como a leptospirose.

Ainda que sem um planejamento específico, pois que estudos do Ph do solo era coisa desconhecida, no Sertão, o Coronel Duzanjo havia mandado plantar uma quantidade incontável de pés de manga, de caju, de abacate, de laranja, de limão, de pitombeira, de sirigoela e de outras frutas típicas da região. Em particular, os pés de limoeiro eram plantados de modo a formar um semi-círculo em volta da casa grande da fazenda, e se destinavam, segundo a crença da região, a servir de escudo protetor contra as cobras venenosas visto que tais répteis, de um modo geral, por terem um olfato muito sensível, não suportam o cheiro da seiva dos limoeiros que cai ao solo. As terras do Coronel Duzanjo só não produziam hortaliças e nem verduras pois que, segundo o costume local, o pessoal da região dizia que não era bode pra comer folhas.

Aquela fazenda ocupava uma antiga área virgem, desbravada pelo Coronel que, no passado, havia pertencido aos índios da tribo dos Icó, do grupo Cariri - a maior tribo da região - razão pela qual ainda era visível a presença de índios na fazenda, incluindo-se aí um povoado com casas de taipa, que o Coronel Francisco havia ajudado a construir, e onde residiam vários dos índios da família da sua falecida mulher, de nome Dionísia.

Essa história de dizer que as terras da fazenda haviam pertencido aos índios Icó é um modo de interpretação moderna visto que os índios brasileiros não possuíam um senso de propriedade de terras, tal qual os brancos invasores, pelo que o mais adequado seria dizer que aquelas terras tinham sido habitadas pelos índios, que por sinal não as cultivavam, limitando-se apenas ao extrativismo simples, da coleta de frutas e de plantas medicinais.

Por outro lado, a presença do Coronel naquelas terras havia impedido, de modo indireto, sua invasão por um número maior de aventureiros, o que certamente teria afetado as condições de vida da tribo, podendo até mesmo resultar em sua extinção, tal qual ocorrera noutras áreas indígenas, de quase todo o Nordeste Brasileiro, incluindo-se aí o massacre de tribos inteiras, não escapando nem ao menos mulheres e crianças.

O Coronel gostava do convívio com os indígenas e depositava neles total confiança. Por outro lado, havendo se juntado a uma índia, de nome Dionísia – que lhe deu três filhos – o velho Coronel adquirira como que um título de cidadania indígena, título esse que lhe assegurou convivência pacífica com os parentes de sua mulher, que jamais o importunaram.

Aliás, diga-se de passagem, o Coronel Duzanjo soube muito bem atrair os índios para perto de si, dando-lhes presentes, cuidando de suas doenças, oferecendo emprego na fazenda e coisa e tal. Tanto era assim que os guerreiros da tribo – e os Icós haviam sido destemidos guerreiros – se identificavam de tal modo com ele que integravam, voluntariamente, o seu pequeno exército particular de homens armados, ajudando a proteger e a defender a fazenda, alertando-o da presença de malfeitores na área e até mesmo dando-lhes cabo, tal qual já ocorrera em diversas ocasiões, sobretudo quando o bando do famigerado Sitonho – corruptela de Seu Antônio – penetrou nas terras da fazenda, com o intuito de assaltar a casa grande, no que foi impedido pelos guerreiros da tribo, que não apenas avisaram o Coronel sobre a presença daqueles malfeitores, como também o auxiliaram na sua defesa.

Defesa é uma maneira de dizer pois que, em verdade, guiado pelos índios, e também auxiliado por eles, o Coronel Duzanjo – um homem de coragem – na véspera do dia pretendido para o ataque, penetrou na mata, alta madrugada, atacando de surpresa os bandidos, quando estes, confiantes em seu número, ainda dormiam no acampamento improvisado.

O Coronel Duzanjo jamais comentou esse fato com outras pessoas de fora do ciclo familiar, pelo que ninguém saberia dizer, ao certo, quantos bandidos morreram naquele ataque. O que se sabe é que, sem mais aquela, o bando de Sitonho, usualmente integrado por

dez a doze indivíduos sanguínários, simplesmente desapareceu, sumindo de vista, nunca mais incomodando ninguém naquelas paragens. Fosse como fosse, o certo é que a notícia se espalhou pela redondeza, motivo esse pelo qual fazia anos que a fazenda Marmeleiro não era visitada por estranhos que, temerosos, evitavam aproximar-se dela, sem serem convidados.

A fazenda chamava-se Marmeleiro, pois que aquela tinha sido o tipo de vegetação mais abundante, encontrada pelo velho Coronel quando da ocupação inicial daquelas terras, mais de meio-século atrás, quando ele ainda era um jovem aventureiro e por ali transitavam apenas índios brabos, veados ariscos, ferozes porcos caititus, antas, tatus, tamanduás-bandeira, cobras e grandes onças, naturalmente.

Em sua juventude o Coronel gostava de caçar onças, para o que ele conduzia dois cães mestiços, de grande tamanho, Tubarão e Baleia. Os cães haviam recebido nomes de peixes – um costume do povo da terra – pois acreditava-se que, batizados com nomes de coisas do mar, os cães não pegariam a “doença da água”, que o pessoal da cidade insistia em chamar de hidrofobia ou também de raiva, o animal assim afetado passando a babar continuamente, até morrer ou ser sacrificado.

Com o auxílio de Tubarão e de Baleia – a cadela era mais valente do que o macho – o Coronel matara para mais de vinte onças, um bom número das quais, de tão grandes, eram capazes de arrastar um boi. O couro curtido, de uma daquelas bichonas havia sido levado para a capital, um presente para o Presidente da Província, segundo o convencera um dos antigos Prefeitos de Milagres. O fato é que, não obstante as doações efetuadas para pessoas amigas, nas paredes da sala, da casa grande, na fazenda, ainda estavam pendurados, devidamente curtidos e esticados com varas, o couro de duas delas, o mesmo ocorrendo em relação à casa da cidade, onde a presença de alguns couros de onça atestavam a coragem do Coronel.

Na época em que se passou a nossa história (por volta de 1867/68), a fazenda Marmeleiro ocupava uma área muito grande, provavelmente uma das maiores da região. Comprar terras era um hábito muito difundido, no Nordeste de então, pelo que o Coronel Duzanjo tam-

bém havia comprado várias outras fazendas, uma delas na Província vizinha, da Parahyba (isto é, o atual Estado da Paraíba), que tinha o nome de Sobradinho, fazenda essa que ele havia dado de presente para sua filha Rosa. Ainda assim, e mesmo considerando-se o desmembramento da fazenda Mulungú, que o Coronel Duzanjo também havia dado como presente de núpcias para sua filha Mariquinha, e da fazenda Xique-Xique, a maior das três citadas, dada para o único filho varão, a fazenda Marmeleiro – que o Coronel mantinha em seu próprio nome, como garantia de uma vida tranquila até o fim dos seus dias – mesmo depois de dividida com os filhos ainda era muito grande.

Para aqueles que o criticavam, ou que sugeriam que o velho Coronel fizesse logo uma distribuição da totalidade dos seus bens, entre os filhos, enquanto vivia, ele respondia, com certa veemência, que não era o rei Lear, e que velho sem mais nada para dar aos filhos virava “um velho mucufa”, feio, fedorento e desprezado. Ele queria morrer mandando naquilo que era dele, e pronto. Não admitia qualquer palavra sobre o assunto.

O gado bovino, que constituía uma das atividades econômicas da fazenda, era do tipo ainda originário de Portugal, na época da colonização do país. De tanto cruzamento consanguíneo a raça havia degenerado, e aquele gado não tinha linhagem específica pelo que era classificado de gado peduro, constituído por animais de pelo curto, liso, de cor creme sujo, caramelada, de chifres longos, praticamente sem lubim (ou cupim, como também é denominada aquela excrescência gordurosa, encontrada no lombo dos machos de alguns tipos de raças bovinas, à exemplo dos Zebus, que aos poucos estavam sendo introduzidas na região).

Era um tipo de gado que produzia pouco leite e pouca carne, se comparada à produção de outras raças mais apuradas. Porém ninguém se importava com isso pois que, dados os péssimos hábitos alimentares do povo, o consumo de leite era desprezível, na região. Pior ainda, os bois levavam de quatro a cinco anos para atingir a idade ideal de abate – certamente que um inconveniente financeiro, inadequado para o criatório de animais em cativeiro, desses que atingem o peso de abate entre um ano e meio a três, mais ou menos, tal qual se faz hoje em dia, com algumas raças famosas de gado de

corde. Porém, naquele tempo, e na fazenda Marmeleiro, em particular, onde o gado era criado solto no pasto, sem qualquer preocupação quanto ao custo total do investimento – visto que o gado nascia e se criava espontaneamente, sem qualquer controle ou interferência dos vaqueiros da fazenda (uma dádiva de Deus, conforme dizia o Coronel Duzanjo) – a única vantagem do gado peduro – ainda hoje encontrável em certas regiões do interior do Piauí – era que ele havia se adaptado plenamente ao clima da região, inclusive tornando-se resistente aos parasitas locais.

Outrossim, o gado, criado solto no campo, vivia da pastagem natural, pelo que o sabor de sua carne chegava a lembrar o sabor da carne de veado, muito diferente do sabor da carne do gado confinado, de criatório intensivo, à base de produtos químicos para engorda, dos criatórios modernos, que lhes modifica o sabor.

Até mesmo as vacas leiteiras eram criadas assim. Pela manhã, logo após a ordenha, acompanhadas dos seus respectivos bezerros, as vacas seguiam para o amplo pasto, existente atrás da Casa Grande, ali permanecendo durante o resto do dia, sem que se fizesse necessário enviar um empregado para cuidar delas. No final da tarde, espontaneamente, talvez que até mesmo por instinto de defesa, as vacas se encaminhavam, lentamente, de volta para o curral, onde recebiam um suprimento extra de farelo de mandioca, misturada com milho pisado, ou de feno, razão pela qual voltavam sempre, inexoravelmente, no lusco-fusco do entardecer.

Evidentemente que aquelas eram vacas selecionadas de acordo com sua capacidade de produção de leite, e também de sua boa índole, pois que haviam vacas semi-selvagens, ariscas, que preferiam ocupar as terras nos limites da fazenda Marmeleiro, do tipo que raramente avistavam seres humanos. Estas últimas eram vacas destinadas ao cruzamento espontâneo do gado de corte.

Quando todas as vacas leiteiras penetravam no curral, um vaqueiro índio fechava a porteira, após o que separava os bezerros de suas mães, confinando-os num curral menor, de modo a evitar que estes, no decorrer da noite, mamassem o leite de que tanto necessitavam para seu crescimento, porém reduzindo a disponibilidade de leite para consumo humano. As vacas ficavam presas no curral respectivo,

até a manhã do dia seguinte, quando eram ordenhadas de modo conveniente e sem que os vaqueiros tivessem que ir lançá-las no pasto.

Eram vacas muito mansas, cada uma delas tendo recebido um nome carinhoso: mimosa, malhada, estrela e outros mais, o referido nome quase sempre correspondendo a algum detalhe da aparência externa do animal.

Não resta a menor dúvida de que separar bezerrinhos ainda tenros de suas mães constituía um ato desumano. Era o mesmo que impedir que uma mulher amamentasse o filho de colo, durante a noite. E a prova disso era o protesto dos bezerros que, de manhã bem cedo, berravam de fome, clamando por suas mães. Todavia, aquela era uma prática milenar, adotada por todo e qualquer criador de gado de leite, desde séculos e séculos, pelo que os vaqueiros da fazenda não demonstravam sentir a menor compaixão pelos bezerros esfaimados, extraindo das vacas a maior quantidade de leite que lhes fosse possível fazer.

As vacas mais novas, sobretudo aquelas de primeira cria, ainda esboçavam uma reação natural, procurando deitar-se junto à cerca que separava os dois currais e, desse modo, ficando mais próximas dos seus filhotes, que repetiam aquele gesto, deitando perto delas, do outro lado. As vacas mais velhas, porém, já acostumadas àquela forma de tratamento, deitavam longe do cercado dos bezerros, como que aproveitando aqueles momentos de folga das frequentes investidas dos bezerros, a lhes sugar – com certa violência, até – as tetas que pendiam do seu úbere.

Criar o gado solto implicava, porém, num problema diferente, qual seja o da necessidade de prover proteção para as lavouras, representada pelos cercados específicos, sobretudo na área destinada às plantações de milho e de feijão, que tinham que ser mantidas isoladas, evitando-se assim que o gado comesse as vagens frescas, de feijão verde ou as espigas novas, de milho. Essa era uma luta constante pois que, e ainda que dissessem que os animais são estúpidos e pouco inteligentes, vez ou outra, esta ou aquela rês forçava a passagem para dentro dos cercados de leguminosas, onde faziam um estrago danado.

De vez em quando os vaqueiros isolavam do rebanho aqueles animais mais atrevidos, os de mais de uma entrada forçada nas áreas de plantio, os quais eram os primeiros a serem enviados para o abate.

– Quem sabe, agindo de modo similar, adotando-se processo idêntico, não seria este um método eficiente para limpar as cidades dos seus marginais perigosos e reincidentes?

No quintal, atrás da casa, eram criadas galinhas do tipo comum, denominadas de “galinhas de capoeira”, além de dezenas de galinhas d’Angola, também conhecidas pelo nome de galinhas da Guiné, ou ainda por capotes, que parecia ser a palavra pronunciada por esse tipo de ave, quando cantando.

As galinhas, ainda que criadas completamente soltas no campo, não fugiam dali visto que, todas as manhãs e também no final da tarde, os empregados da casa distribuíam farta ração de milho, ou então uma mistura de farinha de mandioca com milho pilado e rapadura, de modo que, contando com aquela porção extra de alimentos, aquelas aves raramente se afastavam demasiadamente da casa.

Por criar as galinhas soltas resultava num outro problema: como capturar aquelas aves, para o abate e consumo doméstico?

A captura das galinhas era realizada no começo da noite, depois que as referidas aves subiam num poleiro existente na parte de trás da casa, denominado de galinheiro, onde se empoleiravam para dormir, um hábito natural de proteção contra os predadores noturnos, sobretudo raposas, cobras e guaxinins. Por serem mais ariscas do que as galinhas comuns, as galinhas d’Angola não entravam no galinheiro, preferindo dormir no mato. Daí que, para serem comidas, tinham que ser abatidas à tiro de espingarda ou então flechadas pelos índios.

A coleta de ovos era feita procurando-se nas pequenas moitas, no campo, em ninhos improvisados pelas galinhas comuns – os capões de mato, as capoeiras. Os ovos das galinhas de capote, um tipo ainda hoje não inteiramente domesticado, tal qual ocorrera com as galinhas comuns, de tão bem escondidos por elas, eram mais raros de serem encontrados.

O fato de existirem muitas aves poedeiras, nas proximidades da casa, contribuía para atrair cobras dos mais variados tipos, em particular as assim denominadas “papa ovos”, um tipo de cobra não venenosa, de corpo achatado, que tinha a capacidade elástica de dilatar o maxilar, permitindo-lhe engolir ovos com diâmetro maior do que duas

vezes o diâmetro externo do seu corpo. Era uma operação lenta e complicada, pois que aqueles ofídios não possuíam mãos que lhes possibilitassem encaixar os ovos dentro da boca. Todavia, uma vez engolidos, os ovos deslizavam, suavemente até uma certa parte do estômago da cobra, quando então músculos poderosíssimos o comprimiam até romper sua casca, possibilitando assim à cobra sorver seu conteúdo. Feito isso, a cobra vomitava a casca, que era expelida, a cobra indo embora, dando-se por satisfeita pela alimentação do dia.

Por falar em cobras, é curioso mencionar que as cobras não venenosas são mais agressivas do que as venenosas, inclusive existindo algumas delas que partiam para o ataque contra quem quer que delas se aproximasse em demasia, à exemplo da própria papa-ovos e da cobra-cipó – uma cobra de corpo muito comprido e fino, daí o nome que recebeu, no Nordeste – de pele acinzentada, que lhe permitia o mimetismo com as varas de marmeleiro.

Quando irritadas, as cobras-cipó, cujo comprimento pode chegar a dois metros, se elevavam sobre o próprio corpo um metro ou mais, na vertical, e partiam, sibilando, de boca aberta, num deslocamento em zigue-zague, em direção à sua vítima. A sorte da vítima estava no fato de que, naquela posição quase vertical, de tão irregular seu deslocamento, a cobra-cipó frequentemente errava o alvo, passando alguns centímetros ao seu lado, indo cair lá adiante, de onde prosseguia em seu rápido deslocamento, sempre avante, desaparecendo no mato. Do contrário, a cobra-cipó fincaria os dentes agudos no pretensão inimigo, provocando uma dor bastante desagradável.

As cobras venenosas, porém, adotavam postura bem diferente. Cheias de confiança nos poderosos venenos que carregavam nas bolsas existentes na base de seus caninos furados, elas não se mexiam, não dando a mínima para a movimentação ao seu redor, salvo quando estavam com fome, fato esse que as impelia a sair por aí, à procura de um pequeno roedor para comer, após o que, ali mesmo, no local da caçada, voltavam a ficar dias e dias na maior inércia. Porém, se algum ser vivo, de grande porte, se aproximava delas – um cavalo, uma vaca ou até mesmo um homem – as cobras venenosas, sentindo-se ameaçadas em sua segurança, davam um bote, mordendo a pata do animal ou a perna do ser humano, injetando veneno mortal em suas vítimas.

O pessoal da fazenda, porém, acostumado a conviver com cobras de todos os tipos, não demonstrava a menor preocupação quando, durante a noite, ouviam os guizos das cascavéis a agitar seu chocalho mal cheiroso, num apelo romântico em busca de uma companheira. No dia seguinte, com a maior naturalidade, os trabalhadores estavam de volta aos campos de plantio, na operação de limpeza do terreno, eliminando ervas daninhas e, vez ou outra, também “arrastando cobra prus pés”, com a enxada.

Os mais corajosos, sobretudo aqueles que apreciavam comer carne de tatu, saíam durante a noite, munidos de fachos, à procura dos pebas e dos tatus (armadilos), que ao vê-los, corriam para se enfiar dentro de algum buraco profundo, de onde eram desenterrados à força, arrastados pelo rabo. Só que, vez ou outra, na sua fuga apressada, o pobre do tatu se enfiava dentro de um buraco onde já havia alguma cobra venenosa que, irritada pela dupla invasão – isto é, o tatu mais a mão do caçador noturno, a apalpar o desconhecido, em busca do rabo do tatu – se aproveitava daquele incidente para picar a mão do homem.

Na fazenda também criavam-se porcos, num chiqueiro especialmente construído para eles. O chiqueiro dos porcos ficava nas proximidades do curral das vacas, porém um pouco mais afastado da casa grande, dado o mau odor que dele exalava, e que tão bem o caracterizava.

Os porcos comiam uma boa dose de milho, todos os dias, assim como uma “lavagem” de restos da comida que sobrava do consumo diário da casa grande, lavagem essa que, dado o desconhecimento de noções mínimas de higiene alimentar, era despejada em grandes e pesados cochos de madeira, entalhados em grossos troncos de árvores abatidas.

Tendo em vista o elevado peso daquelas peças, os cochos jamais eram higienizados, despejando-se neles as novas doses de alimentos por cima dos restos de alimentos por ventura ainda existentes – e sempre ficava alguma coisa nas rachaduras e demais reentrâncias da madeira entalhada à enxó – daí o cheiro de fermentação e de putrefação daquelas peças, quase sempre encimadas por uma boa camada de fun-

gos gosmentos, em constante reprodução, a contaminar as novas porções de alimentos que eram ali descuidadamente despejados, tudo isso se refletindo nas diarreias frequentes dos pobres animais, e na má qualidade sanitária da carne de porco produzida na região.

Um outro fato a lamentar era o de que, tal qual o hábito nordestino, ainda válido nos dias de hoje, malgrado todo o amplo espaço disponível, o chiqueiro dos porcos era relativamente pequeno – quase sempre um quadrado com não mais do que 3 a 4 m de cada lado – pelo que os pobres animais viam-se obrigados a conviver num ambiente muito apertado, pisoteando as próprias fezes e urina, que se putrefiziam, daí o mau-cheiro que os nordestinos achavam ser característico daquele tipo de instalações.

Dormindo sobre as fezes e restos de alimentos decompostos, disso resultava que os porcos ficavam sujeitos a zoonoses diversas, que ninguém sabia explicar as origens, achando sempre que era coisa da natureza deles. Hoje sabe-se que, se deixados livres, ou pelo menos ocupando um espaço maior, por instinto, os porcos separam uma área específica, na parte mais baixa do terreno a eles destinados, para ali lançarem seus dejetos, revelando-se assim bem mais higiênicos do que certos indivíduos que vivem perambulando pelas grandes cidades, pedindo esmolas a uns e a outros, e que fazem suas necessidades fisiológicas até mesmo nos próprios locais onde pernóitam, o que nos faz duvidar de quem seria o mais primitivo dos dois, se os porcos confinados ou se os humanos desgarrados.

Durante o dia, a casa grande abrigava uma porção de empregados, pessoas agregadas à vida da família, compreendendo cozinheiras e auxiliares de cozinha, moços de recados, aguadeiros e outras denominações.

O tipo de atividade produtiva então em uso nas fazendas do interior, no velho estilo “labor intensive”, obrigava a utilização de uma quantidade elevada de trabalhadores. Não havia água encanada, nem luz elétrica, nem botijões de gás engarrafado, nem geladeiras, nem freezers, nem micro-ondas, nem batedeiras de ovos, nem máquinas de lavar roupas, de lavar pratos, etc., etc., pelo que se faziam necessárias pessoas encarregadas de ir cortar lenha no mato, outras para ir apanhar água no açude, ou nas cacimbas de água para beber, para matar e

esfolar bois, porcos e galinhas, para pilar o milho, ou para assar e pilar os grãos de café, para lavar a roupa na beira do açude, etc., etc., pelo que o número de empregados nas atividades domésticas também era usualmente grande.

Alguns dos empregados, em particular as mulheres dedicadas às lides da cozinha, moravam com os patrões, dormindo dentro da casa grande, muita vez até mesmo “prestando serviços noturnos, extraordinários”, na qualidade de primeiras amantes dos jovens mancebos da casa, no decorrer de visitas silenciosas e discretas que os moços costumavam fazer às dependências onde aquelas mulheres dormiam. Os demais agregados, e isto incluía os cabras de segurança, residiam em casinhas pequenas, algumas de taipa e outras de alvenaria, convenientemente dispostas nos arredores.

De acordo com os costumes da época, os empregados do sexo masculino não tinham permissão para pernoitar na casa grande, salvo em circunstâncias especiais, sobretudo quando suspeitava-se da iminência do ataque de algum bando armado. O conceito geral sobre este assunto era aquele de que “machos e fêmeas não se misturam”, nem mesmo cavalos com galinhas. Os parentes homens tampouco tinham qualquer regalia nesse sentido, sendo comuns as descobertas, quase sempre tardias, de que alguma das moças da casa havia sido engravidada por um tio ou um primo, daí o antigo ditado regional de que “primos e pombos sujam os telhados”.

Pelo lado externo da Casa Grande era possível ver vaqueiros, plantadores de fumo, plantadores de mandioca, de cana de açúcar, de milho e de algodão, todo mundo ocupado, trabalhando. Dentre eles, vários agregados da fazenda, tanto homens quanto mulheres, tinham nítidas feições de índios.

Complementando tudo aquilo, ao redor da fazenda, espalhadas por áreas diversas, também havia plantações de cana de açúcar e um engenho de rapadura, assim como vários açudes de água doce, cheios de peixe – piabas, traíras, curimatãs, surubins e pintados.

A fazenda se espalhava por uma área muito extensa, ocupando todas as terras de um grande vale, e praticamente não tinha cercas, exceto os cercados para os animais de sela e também para os burros de carga, os cercados das plantações de milho e de feijão e o curral para o gado

leiteiro, este último dotado de uma grande área coberta com telhas de barro cozido ou de chapas de flandres, uma latada, como se diz, para proteção dos tiradores de leite, sobretudo nos dias de chuva.

Também havia uma grande cerca frontal, na estrada de acesso à casa grande, onde Rosa e seu pai viviam. A referida cerca, por sinal que de grande altura, fora estrategicamente colocada a quase dois quilômetros da casa grande e se estendia desde o início da mata cerrada, existente à esquerda da casa grande, distante dela uma légua ou mais, e seguia até os contrafortes de uma pequena serra, à sua direita, quase três léguas dali.

A casa ficava situada bem no meio do vale, permitindo aos seus moradores uma ampla visão dos arredores. Aquela posição fora escolhida de propósito, e servia de tampão para impedir a entrada de outras pessoas no vale, visto que o Coronel Duzanjo havia ocupado todo o resto das terras cultiváveis, que ficavam na parte posterior da casa grande. A justificativa do Coronel fora a de que, sem vizinhos, que posteriormente viessem disputar o controle do vale, ele não teria encrucas de limites de terras, disputas essas que, em todo o Nordeste, quase sempre acabavam em desfechos sangrentos.

Não que o Coronel Duzanjo fosse um covarde – e ninguém tinha dúvidas quanto a isso – porém, conforme ele dizia, se for possível evitar uma briga, tanto melhor.

Mesmo assim, tendo em vista que prevenir é sempre melhor do que remediar, o Coronel também mantinha um pequeno exército particular, de trinta ou mais cabras armados, afora os índios, que também o auxiliavam nessa tarefa. Para tanto ele escolheu homens corajosos, porém não admitia em suas terras a presença de criminosos comuns, e nem tampouco assassinos contumazes. Os seus cabras eram homens marcados pelas vicissitudes da vida. Haviam cometido lá suas faltas, é verdade, porém todas elas motivadas por questões de honra ou de família, coisa tolerável na sociedade daquele tempo.

Evidentemente que morando nas terras de sua propriedade, aqueles indivíduos ficavam fora do alcance da Lei, visto que a polícia não ousava ir até ali para prendê-los. Dizia-se até mesmo que, estando fugindo da polícia, ao botar a mão na cerca da propriedade de algum dos coronelões daquele tempo, qualquer criminoso já estaria por ele amparado, cabendo ao dono da terra tolerar sua permanência ou en-

tão expulsá-lo, para que prosseguisse viagem, porém jamais o entregando de volta para a polícia, visto que uma tal atitude corresponderia a uma desmoralização do seu prestígio político.

Cabe dizer que, tal o usual, da época, um crime de sangue, quero dizer, uma briguinha de faca, em que o adversário saía ferido, porém não morria, era por todos esquecido após decorrido um mês, mais ou menos, desde que o criminoso ficasse fora das vistas da polícia. Até mesmo alguns crimes de morte costumavam ser esquecidos, se decorrido um ano, ou mais. Esquecido em termos, quero dizer, visto que a família do morto cuidava para que o assassino fosse por ela justicado, pagando com a própria vida pelo crime cometido, sendo esse o motivo frequente das guerras familiares, algumas das quais se estenderam por décadas, até os dias de hoje.

Transportando-nos para o passado, imaginemos uma cena ocorrida no varandão da casa grande, da fazenda Marmeleiro, há quase cento e quarenta anos atrás, varandão esse onde se encontravam, sentados em espreguiçadeiras forradas com couro de boi, o Coronel Duzanjo, proprietário da fazenda, e seu irmão, Arsênio, que tinha vindo da Parahyba, para visitá-lo. Tanto o Coronel quanto o seu irmão são “homens brancos”, nordestinos comuns, de pele curtida de sol, que lhes acentuava a tez morena. Um e outro, já idosos, tinham agora cabelos grisalhos, onde antes haviam predominado vastas cabeleiras pretas. Paraibano de nascimento, o Coronel Duzanjo é o irmão mais velho, da família.

O varandão media cerca de 2,5 m de largura, e ocupava todo o espaço restante da fachada da casa. Ele era totalmente aberto. Vigas e barrotes de madeira, distribuídas aqui e ali, nas beiradas, davam apoio a uma cobertura de telhas de barro-cozido, um desperdício, segundo o diziam algumas pessoas que conheciam a casa grande, visto que o comum era cobrir o varandão com palhas secas, de coqueiro, uma alternativa barata e fácil de fazer, mas que o Coronel preferira evitar dada a forte atração que a palha do coqueiro exercia sobre os insetos, que procuravam aquele tipo de cobertura para nelas fazerem seus ninhos e se reproduzirem.

O varandão servia de área de repouso para a família, nos intervalos após o almoço e também à noite, após o jantar. O piso era

forrado com lajotas de pedra lisa, de tom alaranjado, sem brilho, que lhes dava um aspecto alegre. Em vários locais, aproveitando os barrotes de sustentação do teto, redes de dormir, tecidas em pano grosseiro, do tipo muito usado no Nordeste Brasileiro, ficavam estendidas, permanentemente, de um lado para o outro, à disposição de quem as quisesse usar, isto é, à disposição dos membros da família ou de seus convidados-visitantes, visto que os empregados da casa raramente eram admitidos naquele recinto, servindo ele de santuário da família, um cantinho isolado, afastado de todo aquele bando de gente que prestava os mais diversos serviços na fazenda, serviçais esses que eram assim mantidos à distância, sem se misturar, não podendo nem mesmo sentar à mesa com os patrões.

Num dos cantos do varandão encontravam-se várias cadeiras de vime e também algumas espreguiçadeiras de pano, espalhadas aleatoriamente. O varandão tinha sua face voltada para o lado do nascente, não apanhando os raios do sol da tarde, que o deixaria muito quente. Além disso, aquela posição possibilitava a quem ali estivesse avistar todo o terreno em frente à entrada da fazenda, até a cancela principal, cerca de dois quilômetros dali.

Outrossim, tendo por finalidade melhorar a visibilidade da área, até a cancela principal, o Coronel não deixava o mato crescer, naquele trecho, que era capinado de tempos em tempos. Ele também mandou derrubar todas as árvores frondosas, daquele lado, uma precaução aparentemente desnecessária visto que os colaboradores índios mantinham eterna vigilância em toda aquela região.

– E então, meu irmão? Quando é que o Alferes Faustino vai pra guerra? Indagou Arsênio.

– Acho qui vai sê logo depois da festa da Padroeira. Respondeu-lhe, com voz pausada, o Coronel Duzanjo, naquele momento empenhado em cortar e picar fumo de um grosso rolo produzido e curtido na própria fazenda, a fim de preparar mais um dos inseparáveis cigarros de palha de milho, um hábito antigo, que ninguém conseguia fazê-lo abandonar, mesmo quando lhe disseram que o pigarro contínuo, em sua garganta, era proveniente dos inúmeros cigarros que fumava, todos os dias.

Pacientemente, o velho Coronel manobrava com bastante segurança a sua estimada “faquinha do fumo”, que sempre guardava próxima do rolo de folhas enegrecidas, de “fumo curtido”, de uma safra especial, que parecia nunca acabar, tal o desvelo do pessoal da casa em suprir um novo rolo sempre que o anterior ficava muito pequeno. O fato é que, de tanto uso, e de tantas as vezes em que aquela faquinha havia sido amolada na pedra de afiar da fazenda, sua lâmina fora encurtando, sofrendo um desgaste transversal, mais parecendo que só tinha cabo. O Coronel, porém, não admitia substituí-la por nada desse mundo, tão acostumado estava àquele toco de faca.

– Pena qui eu num vô tááá aqui, pra vê isso. Diz Arsênio, acrescentando – Tenho qui voltá logo. ... Uns negócios mal resolvidos que esperam por uma solução.

- Alguma encrenca, meu irmão?

- Não é nada do que você está pensando. Respondeu Arsênio. - Comigo tudo é resolvido na santa paz.

Em seguida, após alguns momentos perdidos em devaneios, Arsênio tornou a falar no Alferes Faustino, o único filho varão do irmão – Você já está muito velho ... Na ausência do Alferes, quem é qui vai tomá conta da fazenda?

– A R-o-o-o-s-a, é c-l-a-a-r-o! Foi a resposta calma e tranquila, do Coronel.

Diante daquela informação, pela qual não esperava, dando um rápido impulso para frente, como se tivesse levado uma chicotada nas costas, que o levou a ficar empertigado na extremidade do assento da espreguiçadeira, Arsênio exclamou, surpreso – C-o-o-o-m-o-o?

Após mais alguns instantes de reflexão, Arsênio comentou, em tom de desaprovação – Você disse Roooosaaaa?

Imperturbável, o Coronel Duzanjo limitou-se a balançar a cabeça, afirmativamente, ao mesmo tempo em que, entre uma baforada e outra, no cigarro que acabara de acender, emitiu apenas um grunhido confirmatório – Hum, hum! ...



Rosa Carvalho, neta de Rosa Duzanjo, de quem herdou o nome.

Não satisfeito, Arsênio exclamou, desapontado – Mas, ela não passa de uma mulher!

Indiferente aos comentários do irmão, revelando ser aquela uma decisão bastante amadurecida e firme, na sua mente, o velho Coronel deu mais uma baforada no cigarro de palha acrescentando, calmamente,

– Desde que o Alferes se meteu a organizar essa tropa de Voluntários ... Num liga pra mais coisa alguma da fazenda. É como se vivesse noutro mundo ... o mundo da guerra.

Filho mais velho e único homem dentre os descendentes do Coronel Duzanjo, Faustino Almeida dos Anjos é Alferes da Guarda Nacional e foi encarregado pelo Governador da Província do Ceará de organizar uma tropa de soldados composta por pessoas originárias do Município de Milagres, a fim de com ela integrar um segundo Corpo de Voluntários da Pátria que o Ceará se preparava para enviar para a guerra, no Paraguai. Em verdade, o Ceará foi o único Estado Nordeste a enviar dois corpos de tropa para a linha de frente.

De pele morena, estatura mediana, cerca de trinta anos de idade, cabelos pretos e lisos, olhos castanhos, escuros, mais parecendo duas bolotas pretas, feições indígenas, como as irmãs, o Alferes usava bigodes e barba raspada. Jovem, forte, musculoso, alegre, dinâmico, cheio de energia, os olhos do Alferes Faustino como que “cuspiam fogo”, tal a agitação do seu íntimo. Dada a incumbência recebida do Prefeito

Municipal, que foi quem indicou o seu nome para aquela importante tarefa, o Alferes Faustino sentia muito orgulho de encontrar-se treinando aquela tropa de Voluntários da Pátria, “os seus homens”, como a eles se referia. E nada desse mundo o faria desviar-se do seu caminho.

Interrompendo suas palavras para mais uma baforada no cigarro de palha, o Coronel Duzanjo completou seus pensamentos – O Alferes é um homem casado, e já tem seus filhos. Se morrê na guerra, “morre fazendo coisa de homem”.

Fazendo uma pausa, no decorrer da qual re-alinhou os pensamentos, o irmão questionou o velho Coronel – Você num tem um genro? Pru modi qui ele num toma conta da fazenda?

– Há! Isso é outra história. Respondeu o Coronel, demonstrando um certo desapontamento em relação ao marido de sua filha mais nova. - O meu genro é muito mole e não gosta de trabalhar. ... Eu prefiro a Rosa.

Voltando a se refestelar na espreguiçadeira, após digerir aquela informação, que ficou ruminando em sua cabeça, Arsênio focou suas atenções em Rosa, a filha mais velha do irmão, perguntando – A Roosoa num tava noooivaa?

O Coronel ficou pensativo, aproveitando aqueles momentos para mais uma baforada no cigarro. – Com a Rosa, ... a coisa é diferente. Este é um assunto que me preocupa mais do que a ida do Alferes pra guerra.

– Ela teve um namorado. Explicou-se o Coronel. – Um rapaz da cidade. Um tal de Joca Machado. Era um namoro antigo. Eu até que já estava me acostumando com o rapaz. Um dia o namoro acabou.

– Acabou pur quê? O qui foi qui aconteceu?

Desviando o olhar do irmão, expressando tristeza, o velho Coronel levantou-se da espreguiçadeira, indo até a borda da varanda, de onde ficou mirando para o infinito, como se buscasse ver o futuro. De costas para o irmão, sem se voltar, de sua garganta, com muita dificuldade, saiu a explicação necessária – De repente, eles brigaram. Mode que o rapaz tinha uma filha com uma das empregadas da casa. Essas coisa de rapaz novo, cheio de fogo.

– Por insistência de sua mãe, o rapaz queria que Rosa levasse a menina pra criar. Rosa disse que não admitia que a menina fosse morar

com eles, pois que criariam apenas os próprios filhos. A mãe do rapaz se meteu na briga e xingou Rosa, chamando ela de índia bastarda. Aí Rosa danou-se ... Disse uns desaforos pra sogra, e o namoro acabou de vez.

Um longo silêncio seguiu-se às palavras do Coronel Duzanjo. Todavia, interessado no assunto, porém receoso de ferir as suscetibilidades do irmão, Arsênio insistiu, comentando – Rosa teve um namoro, qui não deu em nada. ... Depois disso, num apareceu mais ninguém? Insistiu ele no assunto.

Balançando lentamente a cabeça, para um lado e para o outro, em tom de desânimo, o Coronel respondeu – É uma situação complicada. De quando em quando aparece aventureiro de todo tipo, querendo “arrastá asa pra ela”. Gente sem eira e nem beira. Gente sem valor nin’hum, qui só fica pensando no dote qui eu tenho pra dá. Os rapazes de família ... Esses não querem casar com filha de índia.

Após aquelas palavras, o Coronel Duzanjo deu uma última bafurada no cigarro de palha, que atirou longe, no amplo terreno em frente da casa. Voltando-se para encarar o irmão, que ouvia sem dar uma palavra, ele comentou – E ... pra piorar tudo ... Rosa deixou de ir até a cidade, onde poderia conhecer gente de certo nível. Quem sabe, um Juiz de Direito, desses em início de carreira, ou até mesmo um médico.

Quebrando a longa pausa que se seguiu àquelas revelações do irmão, Arsênio indagou – E por que Rosa deixou de ir pra cidade?

– Ela disse qui se cansou de ficá ouvindo fuxicos. ... De “ficá mofando” nos baile, sem tê ninguém pra tirá-la pra dançar.

A cara fechada, dando um “muxoxo” de indignação, o Coronel completou, zangado – Um bando de pé rapado. Qui num tem nem onde cair morto ... Esnobando minha filha, desse jeito.

O Coronel Duzanjo voltou a sentar na espreguiçadeira. Sentar não seria bem o termo adequado pois que o que ele de fato fez foi deixar o corpo arriar de vez, sobre o assento, que rangeu e estalou nas costuras, como se estivesse reclamando do mal trato que lhe era dispensado.

Após decorridos alguns minutos em silêncio, Arsênio perguntou ao irmão – A Rosa já está com que idade?

– Ela já fez vinte e sete.

– Vinte e seeteeee? ... Éééé! ... Disse Arsênio, filosofando diante daquela informação. – Se não casááa logo, ... ela vai ficááa pra titíiaa.

Ouvindo aquilo, o Coronel Duzanjo, espírito remoçado, comentou, com novo entusiasmo – Mas eu já cuidei de tudo. Não quero qui Rosa “fique bolando”, feito um molambo, pela cozinha da cunhada. ... Ou da irmã que já casou.

– Dei pra ela a fazenda do Sobradinho. Informou ele, cheio de confiança nas medidas adotadas.

– A Fazenda da Parahyba? Questionou Arsênio, demonstrando surpresa.

– Sim! Essa, mesmo. Dei de papel passado e tudo. Continuou falando o Coronel. – Assim, ... mesmo depois qui eu morrê, Rosa fica amparada.

Exprimindo seus pensamentos, no que parecia concordar com o que o irmão mais velho havia feito, Arsênio diz – Pois eu acho que você fez muito bem. Essa história de esperar que um irmão cuide do outro, depois que os pais morrem, é pura balela. Eu já vi muito irmão bonzinho tomar conta da herança e acabar botando o mais fraco pra fora de casa, ficando com tudo, só pra ele. Sobretudo se for um irmão homem contra uma irmã mulher. Arrematou Arsênio.

– E você pensa qui eu num sei disso? Respondeu o Coronel, encarando o irmão.

Você sempre teve um “chamego” muito grande pela Rosa. Eu me lembro que você chamava ela de “minha neguinha”, e ela adorava sentar no seu colo.

Se justificando, o Coronel Duzanjo respondeu – Ela me lembra a mãe dela. A finada Dionísia. ... Além disso, Rosa sempre foi muito carinhosa comigo, e nunca me deu qualquer desgosto.

Decorridos alguns minutos, em que esteve pensando, Arsênio tornou a perguntar – Por que você não negocia o casamento dela com o filho de algum fazendeiro da região? Não é esse o costume?

Sem demonstrar surpresa por aquela pergunta aparentemente sem cabimento, o Coronel respondeu – Eu até cheguei a pensar no assunto. Porém, quando Rosa soube das minhas intenções, ficou muito zangada.

Encarando o irmão bem nos olhos, o Coronel Duzanjo explicou a atitude da filha – Você sabe como ela tem um temperamento forte. I-n-d-e-p-e-e-e-n-d-e-e-e-n-t-e ! ...

Continuando a narrativa, o Coronel acrescentou – Rosa ficou braba. Eu nunca tinha visto ela reagir daquela maneira. Aí ela me disse que, se algum dia se casar ... Quem ia escolher o noivo seria ela, e não eu.

– Pois danou-se tuuudooo! Exclamou Arsênio, acrescentando – Não foi você quem criou ela, desse jeito? – Então, compadre ... A coisa tá feia! Você se juntou com uma índia ...

Falando com cuidado, pois que não desejava ofender o irmão em um assunto tão delicado, Arsênio se apressou em acrescentar, cautelosamente – Você se juntou com uma índia ... E nem ao menos se casou com ela ... – Não que eu tenha nada contra. Arrematou ele.

O Coronel Duzanjo levantou a mão, interrompendo o irmão, retrucando, meio-zangado – E você já ouviu falar de alguém por aqui que se casou com uma índia?

Olhando para o infinito, o Coronel ainda disse, procurando se justificar – Além do mais, a Dionísia nem sequer era batizada.

Sem se deixar interromper, Arsênio continuou a falar – Ééééé! Mas quem vai pagá pur isso é a pobre da moça. Foi isso o que eu quis dizer.

As palavras do irmão calaram fundo, na alma do Coronel Duzanjo, criando um certo embaraço. Fez-se um novo silêncio na varanda, cada homem absorto nos seus próprios pensamentos. Isso posto, percebendo que havia dito coisas que não deveriam ter sido mencionadas, desejoso de desviar o assunto, ao mesmo tempo em que procuraria atualizar as informações sobre a família, Arsênio formalizou uma nova pergunta – A Mariquinha tá esperando mais um filho. Nééé?

– Mariquinha casou com um rapaz muito bonzinho. Um ex-seminarista. É um rapaz letrado. Só que ele não é muito chegado ao trabalho. Passa o dia todo lendo, ou então pescando traíra no açude. Acrescentou o Coronel Duzanjo, com um tom de desdém na voz.

– Passa o dia lendo? Lendo o quê? Indagou Arsênio.

– Ele diz qui lê de tudo. Respondeu o Coronel.

– Mas que perda de tempo besta ... Comentou Arsênio.

– Só sei dizê é qui já gastaram todo o dinheiro do dote. ... Viaram pela Capital ... Compraram uma porção de besteiras ... coisas desnecessárias.

Expressão de tristeza estampada na face, o Coronel Duzanjo continuou explicando a situação para o irmão mais novo – O qui é certo é que eles já num tem mais nada.

Admirado por aquela informação, Arsênio indagou – Eles moram adonde?

– Quando eu dei a fazenda Sobradinho pra Rosa, também dei uma propriedade pra Mariquinha. É lá qui eles vivem. Quer dizer, quando não estão por aqui, de visita, o que fazem com muita frequência, sobretudo quando a comida por lá se acaba.

– Não é aquele moço simpático, que você me apresentou, no dia em que cheguei?

– O Miguel? É ele, sim.

– Muito educadinho, o rapaz. Elogiou Arsênio.

– Educadinho, porém mole. Vive se escorando na Rosa.

– Se escorando na Rooosaaa? Como assim? ... E o qui é qui Rosa tem cum isso?

– Eu finjo qui num vejo nada, mas ele vive pedindo dinheiro emprestado pra ela. Leva, mas não trás de volta.

Fazendo uma nova pausa, o Coronel Duzanjo continuou – Em c-o-m-p-e-n-s-a-ç-ã-o ...

– Em compensação, o quê? Indagou Arsênio.

– Em compensação, continuou o Coronel – Ele faz tudo o qui ela manda.

Balançando a cabeça, em sinal de aprovação, Arsênio comentou, zangado com o comportamento do sobrinho torto – Pelo menos isso. Oraaaa ... Afinal, “quem come do meu pão, toma do meu cinturão”. Não é assim? Diz ele, abrindo os braços, num gesto teatral, como se estivesse solicitando a aprovação do irmão mais velho.

Diante daquela afirmação, fruto da filosofia popular nordestina, os dois irmãos dispararam numa gostosa gargalhada

– Qua, qua, qua, quaaaa ...